

A Machada Machadinha do José e da Joaquina

AVANÇADO

Era uma vez um rapaz e uma rapariga que andavam com o sentido um no outro para casar. Ele chamava-se José.

Ela chamava-se Joaquina.

-Não te cases, José, que ela é uma tonta desmiolada - dizia um amigo.

-Caso, pois. Eu gosto dela... - dizia o rapaz.

Na véspera do casamento, os pais da rapariga deram um jantar ao noivo. Quando já estavam sentados à mesa, lembraram-se que não tinham vinho.

Pedi a mãe à filha:

-Vai tu buscá-lo à adega, mas não te demores.

A rapariga assim fez. Enquanto o vinho corria da pipa para o canjirão, resolveu ir dar uma volta pela casa ao lado, que tinha sido arranjada de propósito para o José e a Joaquina lá morarem. Passando pelo quarto que lhes estava destinado, viu, preso a uma viga do tecto, um machado pequeno. Foi uma coisa que os carpinteiros se esqueceram de arrecadar, quando juntaram as ferramentas, depois das obras. Subindo a um escadote, tudo se resolvia.

Mas a Joaquina, em vez de pensar assim, pensava assado:

«Amanhã, caso. Depois hei-de ter um menino. Vamos que acontece a desgraça de cair a machadinha em cima da cabeça do menino? Que horror!» E a cismar nisto, nunca mais se lembrou do canjirão.

Os pais e o noivo estranharam a demora.

- Vai lá tu saber o que se passa - pediu a mãe ao pai.

Ele foi. O canjirão já transbordava..

-Onde te meteste, filha?

-Estou aqui, a matutar numa coisa - respondeu ela, da casa ao lado.

Depois de a rapariga contar ao pai da sua preocupação, ficaram os dois a olhar para o tecto e a pensar no que podia acontecer.

Na sala de jantar, a mãe impacientou-se:

-Ora aqueles dois que nunca mais vêm! Vou eu saber o que lhes terá acontecido.

E foi. Na adega o vinho corria pelo chão...

-Onde se meteram vocês? - procurou a mãe.

-Estamos aqui a matutar numa coisa que a nossa filha descobriu - respondeu o pai.

E lá ficaram os três no quarto, a olhar para o tecto...

O rapaz não se segurou muito tempo que não fosse também saber a razão do mistério. Foi à adega, que estava um lago de vinho.

-Onde se meteram todos? - perguntou, enquanto fechava a torneira da pipa.

-Estamos aqui, no que será o nosso quarto, a matutar numa coisa - respondeu a rapariga. - Anda cá tu também, José.

Ele foi, os sapatos molhados, as meias encharcadas, as calças manchadas...E se eram novas as calças!

- Que se passa, afinal? – quis o José saber.

A Joaquina contou:

- Amanhã, casamos. Depois havemos de ter um menino. Vamos que acontece a desgraça de cair a machadinha, que está no tecto, em cima da cabeça do nosso menino. Estávamos a pensar nisso...

A mãe comentou:

- A nossa filha põe muito tino em tudo o que pensa.

O pai acrescentou:

- Ela sempre foi muito ajuizada.

O rapaz conclui:

- Muito tino terá, muito ajuizada será, mas parvo seria se casasse com ela. Vou-me embora desta casa de paspalhos e só volto se encontrar gente mais parva do que vocês.

Ficaram todos muito pesarosos, como é de imaginar. O rapaz partiu, também triste, deitando de soslaio um olhar de despedida à moça, que chorava, coitadinha, ainda virada para o tecto e para a machada presa à trave.

José foi correr mundo, a ver se varria as mágoas e se dava com gente que não fosse pataroca.

Ia ele por uma estrada e viu uma velha com uma candeia no nariz. Admirou-se:

- Ó velha, para onde vai vossemecê com essa candeia no nariz?

- É porque ando todo o dia por fora e, quando volto à noite para casa, farto-me de procurar a candeia e não a acho. Por isso a trago no nariz, para tê-la pronta à noite, quando vou para casa.

- Deixe estar, mulher, que eu lhe arranjo isso.

Quando for para casa, pendure a candeia num prego, atrás da porta, que já a encontra.

A velha ficou muito contente, porque não lhe tinha ocorrido semelhante ideia.

O rapaz seguiu caminho e viu, mais adiante, uns homens que atiravam ovos a um muro. Ficou muito espantado e perguntou-lhes o motivo de tanta estragação. Disseram-lhe que queriam deitar o muro abaixo e que havia oito dias que estavam a atirar-lhe ovos, sem que o raio do muro caísse.

- Não sejam doidos e vão buscar uma picareta, que já o muro cai num instante.

Eles assim fizeram: foram buscar a picareta e num instante o muro estava no chão.

Como é que isso da picareta lhes não tinha ocorrido ainda?

Os homens ficaram muito contentes e o José seguiu adiante.

Quando chegou a um certo sítio, viu andar um velho com uma alcofa. Tanto abria a alcofa como logo a fechava, numa grande agitação. O rapaz, não sabendo o que o velho fazia, perguntou. Respondeu-lhe o velho que andava a apanhar sol para levar para casa, que era muito escura e fria.

- E se arrancasse umas tantas telhas do telhado e as substituísse por telhas de vidro, não daria melhor efeito? - lembrou o acertado José.

- Por sinal que essa ideia ainda não me tinha ocorrido... - disse o velho. - E não me parece nada má, não senhor.

Logo adiante, viu o rapaz muita gente à beira de um arco, que dava para o adro de uma igreja. Perguntou qual a causa daquele ajuntamento e disseram-lhe que era uma moça que ia casar. Mas havia um problema.

Naquela terra reinava o costume de a noiva chegar à igreja montada numa égua branca. Ora acontecia que, naquele caso, tanto a moça como a égua eram muito espigadas. Não cabiam no arco. Sendo assim, havia que escolher: ou se cortava os pés à égua ou a cabeça à noiva.

Dividido o cortejo entre estas duas opiniões, não avançava. E o padre, na igreja, à espera. E o noivo mais os restantes convidados, à espera. E o cabrito assado para a boda, à espera. E se arrefecer...

- Tudo se resolve - disse o José. - Basta que a noiva se baixe um tanto.

A moça assim fez. Dando ele, então, uma palmada na anca da égua, a noiva entrou no adro da igreja, sem dificuldades. Realmente, não lhes tinha ocorrido aquela solução.

Foi-se embora o rapaz, para, mais adiante, ir dar com um homem e uma mulher que enterravam muitas sardinhas. Chegou-se ao pé deles e perguntou-lhes para que era aquilo.

- É porque aqui, durante o inverno, não há peixe, de modo que nós semeamos sardinhas para depois as colhermos. Não acha que procedemos bem?

Já se vê que o José só podia desiludi-los, mas para não os deixar desamparados disse-lhes que o melhor era irem buscar um caixote de sal. Assim conservariam as sardinhas, em salmoura. Eles agradeceram a lembrança, que por acaso não lhes tinha ocorrido, e aplicaram a receita com todo o apuro.

Seguia o rapaz a sua jornada, para mais adiante, depois da curva do caminho, dar com uma quantidade de soldados, caídos no chão e aos gritos.

- Que se passa? - perguntou o José, meio alarmado.

- Puxámos uma peça de artilharia que se soltou - respondeu um deles. - Nós caímos todos juntos do mesmo lado, numa grande confusão, e agora não conseguimos levantar-nos. Como estamos vestidos de igual, não sabemos distinguir quais as pernas que são nossas.

«Estes não destoam dos outros», pensou José.

«Que mundo de tolos!»

E, pegando numa vara, disse em voz bem alta para o atarantado regimento:

- Deixem que eu vos salvo desta aflição. Garanto que nunca vos ocorreu este meu preceito. Esperem pela pancada.

Desatou a bater com a vara nas pernas dos soldados.

Batia a torto e a direito. Bordoada de criar bicho.

- Ai as minhas pernas - gritava um.

- Ai que ele está a malhar nas minhas pernas - gritava outro.

E pernas para que vos quero... Cada qual fugia com as pernas que lhes pertenciam.

Depois desta aventura, o sensato José continuou a viagem. Resolveu voltar para atrás, porque, pelos vistos, mais juízo tinha a sua Joaquina, por pouco que fosse, do que toda aquela gente junta.

Está visto que voltou a pedi-la em casamento. Ela disse que sim. Tola seria se dissesse que não. Mas, quando o José foi procurar pela machadinha, não a encontrou.

- Que lhe fizeste, mulher? - quis saber.

- Tirei-a e guardei-a, para que, mais tarde, não partisse a cabeça do nosso menino - respondeu a Joaquina.

Como se entende, chegando a este ponto, já não há mais nada para contar.

E a história acaba aqui.

Ficha Técnica

Título: “A machada machadinha do José e da Joaquina”

Obra: Histórias tradicionais portuguesas contadas de novo (volume 1)

Autoria: António Torrado

Editora: Civilização

Páginas: 47-58

Ano: 2002